

12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2021

PODE UMA METRÓPOLE SER HUMANA?

GIOVANNA DIAS DE SENA¹, DOUGLAS GALLO²

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus São Paulo, sena.giovanna@aluno.ifsp.edu.br

² Professor Doutor em Urbanismo, Departamento de Construção Civil, Câmpus São Paulo, douglas.luciano@ifsp.edu.br
Área de conhecimento (Tabela CNPq): 5.04.01.04-4 Teoria do Urbanismo

RESUMO: O planejamento urbano das cidades contemporâneas ainda sofre com o emprego de concepções tradicionais que desconsideram a escala humana na organização dos espaços públicos, criando cidades e espaços com grandes vazios urbanos pouco receptivos e inabitáveis. O presente projeto de pesquisa tem como intuito analisar as percepções e representações que os moradores e transeuntes da cidade de São Paulo possuem acerca do dimensionamento humano da própria metrópole, a fim de compreender de que maneira o homem foi ou não pensado no planejamento urbano da cidade. Para isso utiliza-se de uma metodologia de pesquisa qualitativa através de entrevistas semiestruturadas com moradores da cidade de São Paulo. A partir da análise de respostas e da base teórica utilizada destacam-se algumas percepções associadas ao conceito de cidade humana sendo elas: o espaço público, a empatia urbana e a segurança pública. Todas elas são apontadas como elementos cruciais para a promoção de uma cidade mais humanizada, visto que geram vivacidade, multiplicidade de usos e coletividade. Uma cidade humana é uma cidade mais democrática, com espaços de uso coletivo pensados para os homens que proporcionam acolhimento e pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: urbanismo; gentileza urbana; segurança urbana; vitalidade urbana; percepções; representações sociais.

CAN A METROPOLIS BE HUMAN?

ABSTRACT: The urban planning of contemporary cities still suffers from the use of traditional concepts that disregard the human scale in the organization of public spaces, creating cities and spaces with large urban voids that are unreceptive and uninhabitable. This research project aims to analyze the perceptions and representations that residents and passersby of the city of São Paulo have about the human dimension of the metropolis itself, in order to understand how humans were thought of in the city's urban planning. For this, a qualitative research methodology is used through semi-structured interviews with residents of the city of São Paulo. From the analysis of responses and the theoretical basis used, some perceptions associated with the concept of the human city stand out, namely the public space, urban empathy and public safety. All of them are identified as crucial elements for the promotion of a more humanized city, as they generate liveliness, multiplicity of uses and collectivity. A human city is a more democratic city, with spaces for collective use designed for men that provide shelter and belonging.

KEYWORDS: urban planning; urban kindness; urban security; urban vitality; perceptions; social representations.

INTRODUÇÃO

A dimensão humana tem sido esquecida pelo planejamento urbano tradicional, racionalista e funcionalista. Ainda que as primeiras críticas a este planejamento tenham surgido seis décadas atrás, muito da prática e do ensino se mantém baseado nos cânones modernistas. Em 1960, Kevin Lynch publicou “A imagem da cidade”, obra precursora ao chamar a atenção para a interação entre vida urbana e espaço público (LYNCH, 1997). Ainda na mesma década, uma das obras mais importantes para pensar a dimensão humana das cidades é de autoria de Jane Jacobs (2009), “Morte e vida das grandes cidades”. Sua obra já assinalava como dramático o aumento do tráfego de automóveis e a ideologia modernista do zoneamento que separa os usos da cidade e destacava edifícios individuais autônomos em detrimento do espaço urbano.

Os novos desafios globais para as cidades contemporâneas se relacionam com sua dimensão humana (UN-HABITAT, 2019). O planejamento demanda novos enfoques que considerem as necessidades das pessoas que vivem nas cidades, promovendo cidades mais vivas, seguras, resilientes e saudáveis. Ruas caminháveis e espaços públicos adequados e convidativos geram mais vitalidade e tornam a rua mais observada, incentivo para o acompanhamento do que ocorre entre as edificações, tornando-se mais seguras (SVARRE e GEHL, 2017; JACOBS, 2009).

Uma cidade humana tem uma vida urbana vibrante e acessível a todos, com espaços de qualidade pensados na escala das pessoas, enfim, “*uma cidade saudável, inclusiva, resiliente, segura, ativa, acolhedora, viva, responsável (social e ambientalmente), independentemente do nível de riqueza, mas que fosse realmente pensada por e para as pessoas*” (GALLO, 2020, p.205). A cidade torna-se viva sempre que as pessoas se sentirem convidadas a caminhar, pedalar e permanecer nos espaços urbanos. A vida urbana é fundamental para as atividades sociais e culturais, onde estranhos se encontram e forjam laços sociais e certo distanciamento, característicos da civilidade, essencial para a sociabilidade urbana (SENNETT, 2014; FRÚGOLI JUNIOR, 2007).

O objetivo deste trabalho é identificar as percepções de moradores da metrópole paulista acerca da dimensão humana da cidade e quais os significados desta dimensão para os mesmos.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada tem sido a qualitativa, buscando conhecer a riqueza de significados que possa se depreender da realidade social. A pesquisa qualitativa visa responder a questões muito particulares, afeitas a realidades não quantificáveis, mas aprofundando-se no mundo dos significados (MINAYO, 2002; BAUER, GASKELL e ALLUM, 2003). O presente trabalho é um recorte das primeiras impressões e resultados obtidos de um projeto de iniciação científica que está em desenvolvimento, cujo título é “Cidade Humana: representações da metrópole contemporânea”.

A técnica utilizada é a entrevista semiestrutura, ou em profundidade, com base em um roteiro de entrevista, porém marcada pela interação entrevistador-informante (MORÉ, 2015; GASKELL, 2003; CRUZ NETO, 2002). Alguns informantes foram selecionados aleatoriamente e ao final da entrevista indicaram outros informantes, de acordo com a técnica “bola de neve”. As entrevistas estão sendo realizadas por videoconferência por causa do distanciamento social decorrente da pandemia COVID-19, sendo gravadas e posteriormente transcritas. A quantidade de entrevistados seguirá o parâmetro de saturação das representações encontradas, ou seja, até que as mesmas comecem a se repetir, não indicando novas representações;

O corpus de pesquisa está sendo submetido à análise de conteúdo de Bardin (2016). A análise de conteúdo realiza uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto nas comunicações, facilitando a inferência e interpretação do corpus (MINAYO, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa qualitativa empregada e da base teórica utilizada, foi revelado que os termos “cidade humana” e “humanização” estão intrinsecamente relacionados às concepções de

espaço público, empatia urbana, democracia e segurança pública. A abordagem da pesquisa direcionou o foco às categorias mencionadas, de modo que as principais percepções analisadas estão de alguma maneira relacionadas a elas. As representações que cada uma dessas categorias leva também foram foco de estudo e análise.

Iniciando pela percepção de espaço público, ficou evidente que a concepção de uma cidade humana deve estar atrelada à concepção de novos espaços públicos, que tenham vivacidade e opções de utilização que tornem tais espaços atrativos. Espaços que não abrangem multiplicidade de funções e não são atrativos à uma vida pública, geram os grandes vazios urbanos ou espaços restritos à função de circulação. Na obra “O lazer humaniza o espaço”, Raquel Rolnik já dizia:

(...) o espaço público vai diminuindo ao ser capturado e privatizado, restando apenas e tão somente aquele necessário para a circulação de mercadorias, inclusive de mercadorias humanas; esvazia-se a dimensão coletiva e o uso multifuncional do espaço público, da rua, do lugar de ficar, de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo, de venda. Assim, funções que recheavam o espaço público e lhe davam vida migraram para dentro de áreas privadas, tornando-se, em grande parte, um espaço de circulação (ROLNIK, 2000, p.4).

Desse modo, compreende-se o espaço público como ambiente essencial da cidade viva e, conseqüentemente, da cidade humana, em oposição ao espaço privado. É o espaço público que, quando equipado com diversidade de opções de usufruto, vai gerar vivacidade e sociabilidades e tornar o espaço um ambiente coletivo e democrático, aberto a todos os públicos.

Outro elemento fundamental apontado como fundamental para a promoção de uma cidade mais humanizada é a empatia urbana. Em seu artigo sem tradução oficial, “*From smart to empathic cities*”, Nimish Boloria (2020) avalia que a inserção de políticas públicas centradas na promoção de maior empatia urbana geraria uma transformação da cidade que atualmente segue um modelo mais neoliberal e centrado na tecnologia para uma cidade antropocentrada, valorizando a suficiência mais do que a eficiência.

Além disso, a questão da empatia é colocada como uma responsabilidade dupla: deve ser assegurada pelo Estado através de políticas públicas e também pelos próprios cidadãos que utilizam a cidade, através do respeito para com o próximo e também com o próprio espaço, abrangendo aspectos como educação, respeito, higiene e conservação do patrimônio público.

Por fim, chega-se à noção de segurança pública. A segurança é apontada como um aspecto tranquilizador e facilitador da utilização dos espaços, sendo um dos principais pilares para transformar ambientes apenas transitórios em espaços públicos. É um conceito abordado pois abrange, ao mesmo tempo a democratização, vivacidade e interdisciplinaridade do espaço. A cidade só pode se tornar viva quando é ocupada, que por sua vez só ocorre quando a segurança dos espaços é garantida.

A partir das percepções analisadas, foi construído um quadro (Quadro 1) com o compilado de representações relacionados a cada uma dessas percepções, a fim de resumir as principais compreensões analisadas e averiguar como elas afetam no planejamento urbano de uma cidade.

Quadro 1: Representações relacionadas às principais percepções de cidade humana

PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES	
Espaço público	Relaciona-se com noções de: democratização do espaço, senso de comunidade, espaço de lazer, espaço de sociabilidade
Empatia urbana	Preocupação com o ambiente e as pessoas ao redor; coletividade; educação; ação/reação aos acontecimentos urbanos; políticas públicas de preservação do patrimônio; gentileza urbana

Segurança pública

Presença e conservação de equipamentos públicos; iluminação pública; movimentação de pessoas; controle da violência; presença de comércios e serviços

CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou os conceitos associados ao termo “cidade humana” e discorreu acerca dos aspectos que poderiam auxiliar na transformação da cidade de São Paulo dos moldes atuais para uma cidade mais humanizada. O planejamento urbano da cidade não considerou o dimensionamento humano em sua concepção, e acabou criando espaços pouco acolhedores e carentes em políticas e espaços públicos. A criação desses espaços inadequados contribuiu para a falta de vitalidade na metrópole e a propagação de ambientes hostis e segregados.

Para combater esse tipo de planejamento foram debatidos e analisados os aspectos capazes de criar uma cidade humana. A pesquisa revelou que os alicerces de um novo planejamento são a empatia urbana, a criação de espaços públicos multifuncionais e a segurança urbana. A combinação dessas três características contribui para promover uma cidade com maior vivacidade, coletividade e qualidade espacial, combatendo assim os principais problemas da cidade atual, com relações sociais frágeis e espaços pouco integrados.

Com políticas públicas e gestão urbana adequadas e cidadãos mais engajados, educados, saudáveis e conectados, a cidade pode estabelecer um novo elo de relações, com espaços mais democráticos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos IFSP Câmpus São Paulo pela concessão de bolsa de Iniciação Científica por meio de seu Programa Institucional (PIBIFSP) – edital N° SPO.038/2020.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa dom texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BILORIA, N. From smart to empathic cities. *Frontiers of Architectural Research*, v.10, n.1, p. 3-16, jul 2020-mar 2021.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FRÚGOLI JUNIOR, H. Sociabilidade urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- GALLO, D.L.L. Cidade humana: a vida urbana e a promoção da saúde como qualidade de vida. Tese (Doutorado em Urbanismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa dom texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.
- JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LYNCH, K. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORÉ, C. L. O. O. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde: dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. In: 4º CONGRESSO IBERO-AMERICADO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA – CIAIQ, 2015. Anais... Aracaju: Universidade Tiradentes, 2015.

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

UN-HABITAT. Programa de Assentamentos Humanos das Nações Unidas. Nova agenda urbana. Quito: Organização das Nações Unidas, 2019.